

Capítulo 3 - DOI:10.55232/1086001.3

A VISÃO DE DISCENTES DE MEDICINA SOBRE A MORTE DIANTE DA VIDA

Amanda Faber Pedro Moura, Júlia Mendes Barbosa, Areta Agostinho Rodrigues De Souza

RESUMO: Este trabalho tem o intuito de relatar a experiência de duas alunas de medicina do quarto período, do ITPAC-Palmas, que foram inseridas em um estágio no ambulatório de oncologia no Hospital Geral de Palmas (HGP) através da matéria eletiva Problemática em saúde. A maioria dos estudantes de medicina entram na faculdade com o propósito de ser um herói, acredita que vai fazer o bem, e curar os pacientes quase que integralmente, porém a realidade é bem mais complexa. Nos deparamos mais vezes com a morte do que planejamos. Estar frente a frente com o fim da vida de alguém não está nos nossos planos, mas se torna algo rotineiro. Queremos estudar a vida, logo fingimos que a morte é uma consequência distante. Por isso que quando nos deparamos com ela, parte de tudo que construímos simplesmente some, não conseguimos pensar racionalmente, e por mais que aparentamos uma fisionomia segura, por dentro está tudo sendo desabado. Vemos esse relato de experiência como uma oportunidade de mostrar o que o estudante de medicina passa quando está tão perto da morte, por meio de uma pesquisa qualitativa e descritiva realizada durante o estágio. E consequentemente visionar um estudo adequado que preza por preparar o estudante para lidar com a divergência de sentimentos causados pelo óbito, desde seu ingresso na faculdade. Para que sejam formados médicos humanizados, que não se fechem diante dessas situações, mas que saibam lidar com seus sentimentos, e refletir esse domínio próprio em um melhor cuidado com o paciente e familiares que também estarão abalados.

Palavras-chave: Morte, Oncologia, Humanização

INTRODUÇÃO

A palavra morte para a maioria das pessoas não é fácil de se pronunciar, pois tem diferentes personificações. Seu significado pode ser variado, pois sofre influência da religião, cultura, tradição, lembranças, experiências entre outros aspectos.

Apesar de fazer parte do ciclo da vida, e ser uma experiência que todo ser vivo um dia passará, a humanidade por toda sua história lutou contra e tentou fugir da morte, por medo do desconhecido, o que é relevante quando pensamos que temos que controlar tudo, mas percebemos que a morte é incontrolável, e não temos conhecimento da hora nem do lugar que poderemos encontrá-la.

Na medicina não é diferente, ainda que a maioria dos estudantes foram conquistados pela oportunidade de cuidar de vidas, é inevitável não encontrar com a morte. Apesar de criarmos expectativas da morte ser algo bem distante da nossa realidade, isso não significa que romantizamos a medicina, nem tão pouco idealizamos criar uma fórmula secreta para o imortal, mas que temos esperança de não precisar lidar com algo que não conhecemos.

E ao fechar os olhos para tal realidade deixamos de nos preparar para o fatídico dia que encontraremos a morte. Logo, somos calouros tão cheios de vida, e expectativas que não temos tempo para temas tristes, depois veteranos quando estamos focados em como a vida funciona e o que precisamos fazer para mantê-la, até que nos tornamos internos e posteriormente médicos e não tem como mais fugir da morte, e por ter ouvido essa palavra poucas vezes durante nossa longa trilha de estudos, nos encontramos desamparados para tal experiência.

Durante o estágio no ambulatório de oncologia do Hospital Geral de Palmas (HGP) proporcionado pela matéria eletiva Problemática em Saúde que visa inserir o aluno no ambiente de trabalho dos professores, para que ele possa vivenciar tudo que acontece, levando em consideração a rotina e dinâmica de cada local, pudemos vivenciar essa experiência que estávamos julgando ser algo tão distante e perceber como estamos despreparados para lidar com algo que fará parte das nossas rotinas.

Por estarmos no ambulatório de oncologia, nossas expectativas sempre foram bem altas, primeiro por ser uma das especialidades do nosso desejo, segundo por conhecer a DRA. Areta e saber como o trabalho dela é incrível, e em como tem se tornado uma das nossas inspirações. Dentro do ambulatório acompanhamos pacientes oncológicos já diagnosticados, que estavam fazendo acompanhamento, seguindo seus tratamentos com quimioterapia, radioterapia e outros que infelizmente estavam sob cuidados paliativos.

Outrossim é notório o aumento da incidência das neoplasias em todo o mundo, mas também como a medicina vem evoluindo e possibilitando diagnósticos mais rápidos, e diversos tratamentos. Ainda que nem todos os casos que são diagnosticados são curados. Consequentemente a oncologia pode ter um significado paradoxal por ser associada a vida por proporcionar cura para muitos casos, mas também a morte. Porém na imaturidade de sermos estudantes preferimos acreditar que somente a vida pode levar a vitória por nos acharmos invencíveis.

Por isso viver esse processo de diagnóstico, tratamento e morte não é fácil e tão pouco nos preparamos para ele. Portanto se torna tão difícil de enfrentar a morte quando ela deixa de ser distante e se torna tão real e tão próxima.

METODOLOGIA

Esse é um estudo descritivo qualitativo do tipo relato de experiência de estudantes que cursam o quarto período do curso de medicina na instituição privada Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC) na cidade de Palmas –TO no período de 18 de Fevereiro de 2020 a 11 de Março de 2020.

Em 14 de Fevereiro de 2020 começamos a nossa aula de uma matéria eletiva chamada Problemática em Saúde, que visa a inserção do aluno no ambiente de trabalho dos professores de diferentes especialidades. O professor realiza seu trabalho normalmente, enquanto o aluno o acompanha. A forma como cada professor decide trabalhar no estágio é individual. Mas o intuito é ampliar o contato com a prática da medicina, e proporcionar diferentes experiências e aprendizado ao aluno.

Foi realizado um sorteio ao acaso para selecionar quais alunos ficariam na especialidade de qual professor, nós saímos com a Dra. Areta Agostinho, da oncologia, e nosso estágio foi realizado no ambulatório da oncologia do Hospital Geral de Palmas (HGP). Acompanhamos as consultas clínicas no período da manhã, uma vez por semana. Em decorrência a pandemia instaurada pelo COVID-19 nossas aulas práticas foram canceladas, mas a partir do dia 1 de Abril de 2020 seguimos com as aulas no modo online, de conteúdo teórico voltado para a realização do relato de experiência.

Assim, o relato em questão foi desenvolvido através da nossas experiências durante o período de estágio no modo presencial no ambulatório de oncologia do Hospital Geral de Palmas. Dessa forma, buscamos relatar a nossa experiência diante da morte de alguns pacientes, conseqüentemente expor nossos sentimentos, a passagem pelo luto, e a nossa evolução durante todo esse processo.

DISCUSSÃO

Deve se levar em conta que nós estudantes, ou boa parte, pensamos em cursar medicina pela oportunidade de fazer a diferença na vida de outras pessoas. Por isso ao entrar na faculdade estamos cheios de ideais e expectativas que só aumentam conforme os períodos avançam. A vida passa ser cada vez mais preciosa, e o amor por ela maior. As vezes nós superestimamos a profissão, nos vemos como futuros heróis, e achamos que nossos professores sem dúvida alguma tem super poderes. O que também pode ser indicado através de um estudo que analisa as percepções do acadêmico sobre “ser médico” e que esse pensamento faz parte do fascínio que o jovem tem em relação a profissão que pode vir ser alterada posteriormente (OLIVEIRA; GONÇALVES; BELLINI, 2011)

Mas nós, estudantes, não somos tão inocentes, sabemos que existe a morte, estudamos infinitas causas que levam até ela, como também inúmeros erros que tem ela como consequência. Porém temos a esperança de que não iremos nos deparar com o óbito tão cedo, além de no momento não ter ninguém nos preparando para tal situação, afinal, estamos no início do curso, o que nos faz focar cada vez mais na vida. O que ninguém ensina, é que de uma hora para outra, nós, que estamos cheios de expectativas e esperanças nos tratamentos, nos vemos

assombrados pela morte eminente, e quando o dia tão temido chega, simplesmente não há reação, nem palavras.

A oncologia nunca nos assombrou, não a associava com a morte, mas com a vida, com a possibilidade de cura, víamos como a solução de uma guerra. Cada paciente que chegava com sua pasta cheia de exames e com os olhos cheios de esperança, sorrindo enquanto conversava com a Dra., ou quando fazia uma piada ou contava algum caso, me lembrava a vida. Porém nem todos os pacientes são iguais, por mais que chegassem alguns com tanto medo e incerteza que nos faziam duvidar que a cura poderia ser real, e pensar na morte por alguns segundos. Enquanto a médica que acompanhávamos não se dava por vencida, e incentiva o paciente a lutar, a acreditar que aquele exame com um resultado ruim era só uma batalha que o câncer tinha vencido, mas que a guerra ainda continuava, e que ele precisava ter forças e fé. Consequentemente isso nos fazia acreditar mais ainda na vida.

Todas essas experiências contribuíram para que nós idealizássemos a morte como um consequência muito distante, por mais que a nossa razão implorasse para que colocássemos os pés no chão, na tentativa de evitar uma frustração futura. Até que inesperadamente o temido momento chegou, quando nos encontramos com a morte não uma, mas duas vezes no mesmo dia.

Nunca pensamos que sentiríamos uma dor tão forte pela partida de alguém que conhecíamos tão pouco. Todo complexo de super-herói e a crença em superpoderes acabou naquele momento. A vida nunca nos pareceu tão frágil como quando entrámos no quarto e ouvimos os prantos de um último adeus de um filho para sua mãe, ou quando no quarto seguinte a filha segurava a mão do pai enquanto esperava a lenta partida. Mas a nossa pior experiência não foi encontrar com a morte, mas anunciar a sua breve chegada ao paciente que se encontrava no consultório com sua família, tão cheio de esperança e certeza que a guerra ia ser ganha, e destruir aquela expectativa também nos destruiu.

Enquanto a médica. explicava os resultados, nós olhávamos para o chão na tentativa de segurar cada lágrima que lutava para desabar, e quando criávamos coragem para olhar nos olhos deles, eles nos olhavam na esperança de que tudo

aquilo fosse mentira, e que a vitória ainda era possível. Cada troca de olhares era uma tortura sem fim, nos vimos totalmente impotentes e refém de um turbilhão de pensamentos que nos paralisavam, e mesmo assim durante todo o processo tentávamos transmitir a maior segurança que podíamos, mas por dentro não conseguíamos nem nomear os nossos sentimentos.

Ao fim do estágio choramos, não conseguíamos organizar os sentimentos de primeira, mas cada lágrima tentava representar eles. Nós não estávamos com medo da morte, mas não queríamos vê-la sendo anunciada. Sabíamos que aquela situação faria parte do resto das nossas vidas, mas não queríamos ter que encará-la. Afinal, esse sentimento acontece pela sensação de impotência que a morte traz ao médicos e nesse caso aos estudantes (BOEMER; SAMPAIO, 1997),

Na primeira semana não queríamos pensar naquele dia, mas com o tempo começamos a analisar o que realmente era a morte, e por qual motivo ela ainda era um tabu, ou por que não falávamos sobre ela, qual era a raiz do nosso medo de pronunciar essa palavra. Concluimos que enquanto a morte não for um assunto a ser abordado livremente e com leveza ela vai continuar desconhecida, e assim perpetuando o nosso medo. Além de afetar a medicina, pois se não rompermos esse ciclo do desconhecido e do medo, nunca iremos conseguir vivenciar essa situação sem que ela nos cause dor. Conforme estudos que mostram que para os alunos do quarto ano de medicina a morte é vista como um tabu, e infelizmente para os alunos do sexto ano a morte continua sendo um tabu. Isso ressalta a importância de falar abertamente e procurar entender mais sobre a morte (DUARTE; ALMEIDA; POPIM, 2015).

Eventualmente a longo prazo após vivermos experiências com a morte, ela se tornará comum, e nos fará indiferente. Quando na verdade não se trata de indiferença, mas de saber lidar com nossos sentimentos, para não nos privarmos da dor, nem perdermos a empatia, e assim poderemos ajudar o paciente e a família a lidar com a morte da melhor maneira possível, e faremos da medicina um sinônimo de humanização. Pois cada pessoa lida de uma forma com o luto podendo ser através da negação, superproteção, entre outros que irão comprometer a futura relação médico/paciente (CLARKE, 1981).

Segundo estudos os alunos que tem a experiência da morte passa por uma série de evolução, como buscar o encorajamento para seus sentimentos, deixar de ver o médico como sinônimo de cura e passar a ver como sinônimo de cuidado, além de aceitar a morte como algo normal, como um processo da vida, e passa a ter a responsabilidade de formalizar a morte dos seus pacientes, conseqüentemente suas emoções também são reduzidas. Toda essa evolução vem de um processo, que pode ser demorado ou não, que irá depender de cada aluno. Viver tudo isso se torna extremamente necessário para a formação dos alunos que serão os futuros médicos (SMITH-HAN, 2016).

Viver esse processo não foi fácil, mas foi necessário para que pudéssemos entender a complexidade do universo que escolhemos viver, que é a medicina. Não vemos mais a morte como algo distante, mas sim como algo normal, que faz parte da vida de todo ser humano. Cabe a nós fazermos dela um tema comum e não tabu, afinal, é inevitável e não conseguimos nos esconder dela, então nos fortalecemos com as experiências que ela nos traz. A morte não diminuiu o nosso amor pela medicina, pelo contrário aumentou nosso amor pela vida, e isso nos faz querer tornar a medicina o mais humanizada possível, para ajudar cada paciente a viver as etapas da sua vida, incluindo a morte.

CONCLUSÃO

Esse relato teve como objetivo transmitir a nossa experiência como alunos que estão aprendendo a cuidar de vidas a lidar com a morte. Além de mostrar um pouco sobre a importância de passar por todo esse processo, e evoluir a partir dele para que possamos entender nossos sentimentos, a ajudar o paciente a lidar com os sentimentos e medos dele, e começar a enxergar a morte como um processo da vida, que será vivida por todos, e não como algo distante e tenebroso.

A importância de entendermos essa evolução é para evitar que percamos a nossa empatia ao nos privar de sentir dor pela perda de um paciente. É necessário compreendermos os nossos sentimentos e zelar por cada paciente de uma maneira equilibrada. Assim veremos a vida como um ciclo, com início e fim, e aprenderemos a lidar com cada etapa. Conseqüentemente tornaremos a medicina cada vez mais humanizada.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- 1- BOEMER, M.R, *et. al.* O Exercício Da Enfermagem Em Sua Dimensão Bioética. Revista Latino Americano De Enfermagem. v. 5, p. 2, 1997.
- 2- CLARKE, P.J. Exploração De Contratransferência Em Relação Aos Moribundos. American Journal Of Orthopsychiatry, v. 51 , p. 71-77, 1981.
- 3- DUARTE, A.C, *et. al.* A Morte no Cotidiano da Graduação: Um Olhar do Aluno de Medicina. Interface Comunicação, Saúde, Educação, v. 19, p. 55, 2015.
- 4- FRIEDMAN, A *et. al.* Medicina de precisão para cancer com diagnósticos funcionais de última geração. Nat Rev Cancer v. 15, p. 747-756, 2015.
- 5- OLIVEIRA, R. Z. *et. al.* Acadêmico de Medicina e Suas Concepções Sobre “Ser Médico”. Revista Brasileira de Educação Médica v. 35, p. 311-318, 2011.
- 6- SALOUM, NH, *et. al.* A Morte no Contexto Hospitalar – as Equipes de Reanimação Cardíaca. Revista Latino Americano de Enfermagem. v. 7, p. 109-119, 1999.
- 7- SMITH-HAN, K, *et. al.* “Não é isso que você espera fazer como médico, sabe, você não espera que seus pacientes” A morte como aprendizado para estudantes de graduação em medicina. Revista BMC Med Educ. V 1, p. 108, 2016.
- 8- TORRE, LA, *et al.* Taxas e tendências globais de incidência e mortalidade por câncer. Revista Cancer Epidemiol Biomarkers v. 25, p. 16-27, 2016.